

2. A perspectiva Sistêmico-Funcional

Neste capítulo, são apresentados os fundamentos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional que embasam a presente pesquisa sobre a função da nominalização na construção de textos de alunos do Ensino Médio, embora o foco principal deste estudo resida na noção de metáfora ideacional. Parte-se, na seção 2.1, dos conceitos de linguagem e significado adotados pela teoria sistêmico-funcional. Em seguida, na seção 2.2, discute-se sobre o funcionalismo de Halliday e a influência de seu estudo para a compreensão do funcionamento da linguagem. Finalmente, nas seções 2.2.1, 2.2.2 e 2.2.3, são examinadas a noção de contexto e as três metafunções que a linguagem desempenha na atividade comunicativa. Nos textos de alunos a serem analisados nesta pesquisa, será enfocada a metáfora ideacional através do estudo da metáfora gramatical. Além disso, outros pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional que servem de base para a análise desenvolvida neste estudo, tais como o sistema de Tema e Rema, ligado à metafunção textual, são enfocados a fim de que se possa compreender os conceitos e as categorias utilizados nesta análise.

2.1. Linguagem e significado

Na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, desenvolvida a partir dos trabalhos de Michael Alexander Kirkwood Halliday e adotada como base para os estudos desenvolvidos nesta Dissertação, a linguagem “é interpretada como um sistema de significados, acompanhados de formas através das quais os significados podem ser realizados” (Halliday, 1994, p. xiv). Sendo assim, a linguagem não é vista como um sistema de formas arbitrárias que produzem significados, mas como um sistema de significados unidos a uma forma. Halliday (2005, p.196) compara o sistema linguístico ao sistema de signos representado

pelas cores de um semáforo, sendo ambos considerados como sistemas semióticos. Nesse sistema, o conteúdo (siga ou pare) é combinado a uma expressão (cor verde ou vermelha) e a realização do código é feita por meio de uma combinação entre os níveis do conteúdo e da expressão. No sistema linguístico, há uma combinação semelhante com o nível semântico realizado como léxico-gramática, que, por sua vez, realiza-se como fonologia. Segundo Halliday “um (sistema) semiótico, [...], é estratificado, ou seja, (um) sistema de estratos, no qual o produto de um processo de codificação torna-se a entrada de outro ⁸” (*idem*, p 196-7).

Halliday e Hasan (1989) destacam que a propriedade fundamental da linguagem não é o uso que se faz dela, mas a possibilidade de uma organização semântica do sistema. Daí, a noção de que a linguagem é construída ou fundamentada em função dos significados experiencial/ideacional, interpessoal e textual, expressos simultaneamente na estrutura oracional (ver item 2.2.3). Há ainda um significado relativo às relações lógicas da linguagem expressas através dos eixos de parataxe (união entre elementos de mesmo status) e hipotaxe (vínculo entre elementos de status diferentes) contidos em um sistema de interdependência que se junta a outro; ambos fornecem um sistema funcional para que se possa analisar a oração complexa, embora o sistema de interdependência não esteja limitado à oração, já que esses sistemas podem definir também grupos/expressões complexas e palavras complexas⁹.

Além disso, o significado de uma palavra (ou expressão linguística) resulta em parte da oposição que há entre um termo e os outros encontrados no mesmo eixo paradigmático. Tal oposição é ampla, e abrange desde a formação da palavra (ver capítulo 3.3) até a organização da mesma na estrutura da oração, isto é, a oposição não se faz apenas entre os elementos de um eixo paradigmático, mas também entre a corrente dos elementos situados no eixo sintagmático.

As relações paradigmáticas baseiam-se em relações de oposição ou de escolha entre os signos:

⁸ “A semiotic, in other words, is a stratified, or stratal, system, in which the output of one coding process becomes the input to another”.

⁹ Halliday (1994, p.215) considera *grupo* como “uma palavra inchada”, e *expressão*, “uma oração reduzida”.

- a) *Estudantes* de várias escolas sofrem certos tipos de agressão ou preconceitos [...].¹⁰
- b) *Professores* de várias escolas sofrem certos tipos de agressão ou preconceitos [...].
- c) *Funcionários* de várias escolas sofrem certos tipos de agressão ou preconceitos [...].

Partindo das observações feitas por Saussure de que o significado de um signo se origina das relações de oposição que compartilha com outros signos em um mesmo eixo de escolha paradigmática, em *a*, *b* e *c*, a relação de oposição se dá entre as palavras *Estudantes*, *Professores* e *Funcionários*. Esses termos estão situados no mesmo contexto oracional, e a dimensão do significado de cada um deles deriva da relação de oposição entre eles e da escolha do falante. Por outro lado, existe uma relação entre os elementos situados no eixo sintagmático, que se unem em uma sequência ou cadeia de signos linguísticos. Nesse eixo, os signos se combinam em sequências ou estruturas de acordo com certas possibilidades, por exemplo, *Estudantes de várias escolas sofrem* pode ser combinado com Adjuntos Circunstanciais de tempo, lugar ou modo (*frequentemente, na saída das escolas, em silêncio, etc.*). Além disso, há restrições de escolhas dentro do sistema, por exemplo, nesta estrutura, neste contexto, não pode haver na função Participante um ser que não seja humano ligado ao processo *sofrer*.

As investigações da Linguística Sistêmico-Funcional buscam identificar “os diferentes tipos de significados que usamos e como a linguagem é organizada para criar significados” (Eggin, 2004, p. 3). Considerando o sistema semântico da linguagem, Halliday argumenta que a estrutura do sistema lingüístico permite a realização de três significados distintos que se constituem ao mesmo tempo na linguagem, expressando os sentidos que as pessoas estabelecem entre elas. Os significados presentes na linguagem são: (i) ideacional, que expressa a experiência exterior (de mundo) ou interior (da consciência) e pode ser experiencial (ligado diretamente à experiência) ou lógico (cria a experiência relacionada a relações lógicas), correspondendo à oração

¹⁰ As abreviações E. Pa. e E. Pu. são usadas, respectivamente, para Escola Particular e Escola Pública. Todos os exemplos estão escritos na íntegra. Este exemplo foi retirado da produção textual nº 6, E. Pu.

como representação¹¹; (ii) interpessoal expressa a interação entre pessoas, as atitudes, avaliações, julgamentos, expectativas ou demandas do falante, correspondendo à oração como troca; (iii) textual expressa os outros dois tipos de significados através do modo como o texto é organizado, corresponde à oração como mensagem (Halliday, 2005, p. 198-199). Os significados se constituem simultaneamente na comunicação verbal que as pessoas estabelecem diariamente, uma vez que elas estão sempre “negociando textos” (Eggins, 2007, p.1).

A noção de contexto também é muito importante para a compreensão do significado do texto (oral ou escrito). Segundo Eggins (2007, p.8), a informação contextual determina o significado do que está sendo dito. No exemplo: “eu sugiro que ataquemos os vermelhos”. Se a sentença fosse pronunciada durante um jogo, significaria “a hora de remover os soldados vermelhos”. Caso se estivesse escolhendo doces, significaria que “a escolha estaria restrita aos que estivessem embrulhados com papel vermelho”. Para a autora (2007), sem a informação sobre o contexto de uso da sentença, o significado ideacional se tornaria ambíguo porque uma dimensão da realidade à qual o texto se refere seria desconhecida. Desse modo, o foco do estudo linguístico reside no uso da linguagem inserido em um contexto social, fazendo com que a linguagem seja vista como um sistema sociosemiótico, “como uma estratégia, um recurso de fazer significados” dentro de um contexto (Eggins, *idem*, p. 2).

Os linguistas sistêmico-funcionais consideram a linguagem como um sistema semiótico e convencional que se organiza como um cenário de escolhas, visto que, através dela, as pessoas organizam a própria experiência e participam de práticas sociais. Portanto, o signo lingüístico é analisado dentro do contexto social. Nessa visão, a linguagem é determinada pela função social que ela exerce e que a faz evoluir; por isso a análise sistêmica baseia-se em “como a linguagem funciona como um sistema de comunicação humana”¹², uma vez que o uso da linguagem é sempre motivado por um propósito ligado às atividades diárias realizadas pelas pessoas.

As diferentes possibilidades de uso da linguagem, tanto para relatar o sentido da experiência humana quanto para interagir com as pessoas, mostram

¹¹ A noção de “representação” para Halliday não se confunde com uma visão representacionista da linguagem. Para Halliday, a metafunção ideacional nos permite criar a nossa experiência de diferentes maneiras, de acordo com o contexto do qual participamos.

¹² Thompson, p.1.

que o sistema linguístico apresenta uma interface com algo que está fora da linguagem. De acordo com Halliday (2005), essa interface ocorre entre o nível semântico, através do qual as categorias dos significados ideacional, interpessoal e textual aparecem, e outro nível acima dele, a saber, o contexto social em que esses significados são trocados. O autor considera que qualquer ato de significado acontece em um contexto de situação¹³, e, através dele, uma pessoa faz suposições sobre os tipos de significados que podem ser trocados durante ação comunicativa. O contexto de situação apresenta elementos que o compõem: o campo (a atividade social) indica o significado ideacional; relações (o status e o papel social dos participantes) estabelecem o significado interpessoal; e o modo (o canal e meio) estabelece o significado textual. Há, portanto, uma relação sistemática estabelecida entre os componentes da situação social e os componentes semânticos (Halliday, idem, p. 201).

Outro aspecto relativo à linguagem, discutido por esses linguistas, refere-se à metáfora. O conceito de metáfora, antes restrito à variação no significado de uma palavra (metáfora lexical) amplia-se e se apresenta como uma variação na expressão de um dado significado. Na perspectiva da metáfora lexical, o ponto de partida para a compreensão do sentido da expressão é a palavra, enquanto na perspectiva da metáfora gramatical, o ponto de partida é um significado (Halliday, 1994, p. 341-342). De acordo com Taverniers (2003, p. 6), o foco da metáfora gramatical volta-se para “quais são os diferentes modos nos quais este significado pode ser expresso ou realizado?” (ver capítulo 3).

Para Halliday (1994), a variação na expressão de um dado significado pode apresentar várias configurações gramaticais. Essas expressões são consideradas congruentes quando são reconhecidas como modos típicos de expressão da língua. A metáfora gramatical expressa um significado através de uma configuração estrutural considerada diferente da configuração congruente. Segundo Derewianka (2003, p. 185), “Halliday refere-se a este fenômeno como uma ‘combinação semântica’, porque, na forma congruente, a realização semântica é mais ‘simples’ enquanto na forma metafórica, a realização semântica é mais ‘complexa’. A compreensão da metáfora gramatical começa no final da infância, e ela só passa a fazer parte da produção textual dos jovens

¹³ Halliday (2009, p.1) define: “ato de significado é uma instância de significado formado fora de um significado potencial infinito para refletir sobre o mundo e a interação com outras pessoas”. Contexto de situação é o ambiente social no qual os atos de significado são apresentados e interpretados. Ele envolve a noção de “*campo* do processo social, de *relações sociais* entre os participantes e de *modo* do discurso” (Halliday, 2005).

durante a adolescência (Derewianka, *idem*). Neste trabalho, a metáfora gramatical será investigada em textos de alunos do Ensino Médio que encontram-se na faixa etária em que, supostamente, já deveriam ter incorporado este tipo de configuração à sua produção escrita.

2.2. O funcionalismo de Halliday

A Linguística Sistêmico-Funcional tem como propósito compreender o funcionamento da linguagem como um sistema de comunicação humana e, para isso, ela adota um modelo descritivo e interpretativo da linguagem. Nesse modelo, a linguagem é vista como um recurso para construir significados, ou seja, um sistema semiótico baseado em escolhas feitas pelos falantes em diferentes contextos sociais. A teoria busca responder como as pessoas interpretam e usam a linguagem e a gramática sistêmico-funcional visa evidenciar como as escolhas são realizadas na produção do texto oral e/ou escrito, isto é, como a linguagem está estruturada para realizar três tipos principais de significados simultâneos: o ideacional, o interpessoal e o textual.

O linguísta inglês Michael Halliday é um dos principais expoentes da teoria Sistêmico-Funcional. Sua visão de linguagem une o sistema de significados - atuando externamente na forma de signos que se relacionam entre si, e sendo um dentre outros sistemas semióticos inseridos na cultura - à visão de sistema social relacionado à estrutura social (Halliday e Hasan, 1989). Essa visão do sistema linguístico baseia-se no conceito de contexto de situação e contexto de cultura, citados pela primeira vez pelo antropólogo Bronislaw Malinowski ao relatar os resultados de um estudo realizado com um grupo de habitantes de uma ilha no Sul do Pacífico.

Halliday também é influenciado pelos estudos linguísticos feitos por John Rupert Firth que se baseia nos estudos de Malinowski ao adaptar o conceito de contexto de situação a uma teoria linguística geral para a análise do texto. Firth descrevia o contexto de situação observando: os participantes, as ações verbais ou não verbais, a presença de aspectos relevantes do evento e os efeitos da ação verbal. Nos estudos feitos por Halliday, há ainda influências de Saussure (a

relação entre os sistemas da linguagem e o conceito de instanciação nos atos de fala) e dos estudos funcionais feitos na Escola de Praga¹⁴.

Desse modo, Halliday leva em consideração a relação existente entre a variedade da linguagem e a variação no contexto de situação. Ele considera então a noção de registro, definido como “uma configuração de significados que são comumente associados a uma configuração situacional particular de campo, modo e relações” (Halliday e Hasan, 1989, p. 38). Melhor dizendo, a análise linguística está ligada ao contexto de situação considerando as variáveis situacionais de registro: o campo do discurso (atividade social na qual o enunciado está inserido), as relações do discurso (status e distância social entre os participantes da interação) e o modo do discurso (o canal entre os participantes da interação).

Em relação ao estudo da gramática da língua, Halliday (1994) considera-o como a primeira etapa na análise textual contribuindo para a compreensão do texto ao evidenciar “como” e “por que” o texto adquire um determinado significado. Já a segunda etapa exige que a avaliação do texto possa dizer por que o texto é, ou não é, um texto esperado para a finalidade que se destina. De acordo com o autor, este propósito é mais difícil de ser atingido, pois é necessário que haja uma interpretação das relações entre o texto e o contexto. A análise gramatical é vista como a base para a compreensão do texto considerado como um fenômeno altamente complexo, tanto no sentido ideacional quanto no interpessoal. Halliday destaca que “a análise do texto, em termos de sua gramática, é sempre um trabalho de interpretação” (idem, p. xvi). Para ele, qualquer análise do discurso que não considere a gramática não será completa.

Um texto é uma unidade semântica, não uma unidade gramatical. Mas significados são realizados através de fraseados; e sem uma teoria de fraseados – ou seja, uma gramática - não há um modo de fazer explícita a interpretação de alguém do significado de um texto (Halliday, 1994, xvii).

Segundo Eggins (2004, p. 1), “nós somos solicitados a negociar textos”. Na teoria sistêmica, o termo texto significa uma instância da linguagem que faça sentido. Embora exista uma tendência de ver o texto como um produto, Halliday considera que é importante vê-lo como um processo. O texto é compreendido

¹⁴ Ver Halliday e Hasan, 1989, para outras fontes de influência dos estudos sistêmicos.

como a maior unidade de funcionamento, porque concentra simultaneamente a organização da informação, a organização da interação e a organização semântica, e os itens linguísticos que o compõem são vistos como multifuncionais. As funções desses itens devem ser consideradas concomitantemente nos níveis de análise, pois o princípio da multifuncionalidade é considerado fundamental para “uma interpretação funcional da linguagem” (Halliday, 1989).

Halliday (1994, p. xiii) apresenta três distinções como justificativa para o uso do termo funcional no estudo da gramática. Essas distinções estão relacionadas: (i) ao sentido do texto, considerando seu desdobramento em algum evento comunicativo e sua organização com o objetivo de atender às necessidades humanas; (ii) ao sistema que se constitui em torno de dois tipos de significados, ideacional e interpessoal; o primeiro é visto como reflexivo porque surge em função da compreensão humana do mundo, enquanto o segundo deriva das interações entre os seres humanos; (iii) e aos elementos da estrutura linguística que podem ser compreendidos a partir de suas funções dentro do sistema linguístico como um todo. Considerando a função da linguagem de um modo mais amplo, o termo funcional refere-se à organização dos elementos linguísticos que compõem a linguagem e do sistema semântico, sendo considerada como uma propriedade fundamental de qualquer linguagem natural (Halliday e Hasan, 1989).

Em resumo, a teoria Sistêmico-Funcional analisa a natureza funcional da linguagem (ideacional, interpessoal e textual) atribuindo grande importância ao contexto situacional e cultural na compreensão e na produção de significados. A linguagem é apresentada como uma atividade que se estrutura de acordo com a finalidade social.

2.2.1.

Metafunção ideacional: a oração como representação

Desde a infância, as pessoas aprendem a designar coisas, pessoas, ações, sentimentos, ou seja, a nomear tudo que é visível ou vivenciado como

experiência humana. De acordo com Matthiessen (Halliday e Matthiessen, 2004, p. 29), “não há faceta da experiência humana que não possa ser transformada em significado”. Isso ocorre porque a linguagem constrói a experiência da realidade, permitindo que as pessoas possam compreender o mundo exterior e o mundo da consciência. Os recursos léxico-gramaticais constituintes da linguagem permitem que ela não somente forneça informações sobre o mundo como também indique a forma através da qual os seres reais ou fictícios se relacionam (Thompson, 1996). Quando se usa a linguagem para construir a experiência, o significado da mensagem converge para o conteúdo, isto é, o significado da mensagem tem como função trazer uma informação sobre o mundo real ou imaginário. Halliday (1994) define essa macro-função da linguagem como metafunção ideacional, visto que as expressões linguísticas que compõem a mensagem focalizam o conteúdo ideacional.

Do ponto de vista tradicional, as expressões linguísticas são representadas por nomes (algo ou alguém) que estão envolvidos em eventos ou ações (verbos) sob determinadas circunstâncias (advérbios); além delas há outras que estabelecem relações de sentido (conjunções, preposições) ou determinam os seres (adjetivos, numerais e pronomes). Na perspectiva da metafunção ideacional, as expressões linguísticas são classificadas indicando a função que elas desempenham em relação ao conteúdo da oração. Em outras palavras, as categorias utilizadas no estudo da linguagem buscam evidenciar como o significado se relaciona à experiência através da linguagem. Por exemplo, os participantes de um evento ou processo são classificados como Ator ou Meta; se eles exercem algum tipo de ação, são categorizados como Ator, se a ação se dirige a eles, são chamados de Meta (Butt, Fahey, Spinks, Yallop, 1998, p. 42).

Halliday (1994, p.106) ressalta que “a linguagem é também um modo de reflexão, de impor ordem sobre a variação interminável e o fluxo de eventos”. Ele afirma que a impressão da experiência é constituída de uma continuidade de ações envolvendo mudanças. São essas mudanças no indivíduo e no mundo que aparecem separadas dentro da oração através do sistema gramatical de Transitividade, sendo através desse sistema de transitividade, com seus vários tipos de processos, que se constrói o mundo da experiência, e se evidenciam os participantes dos processos.

Segundo Thompson (1996), a divisão da oração em três categorias ou tipos de constituintes (participantes, processo, circunstâncias) ajuda a associar as características funcionais dos constituintes às características estruturais da oração. Entretanto, apresentadas dessa forma, elas se mostram muito gerais em relação às características semânticas e gramaticais desempenhas por elas. Por isso, cada uma delas é subdividida considerando primeiramente a transitividade que é determinada pelo tipo de processo (material, mental, relacional, etc. que serão vistos mais adiante) ou pela ergatividade¹⁵.

Na subdivisão de processos, Halliday (1994) distingue inicialmente dois tipos, isto é, entre os processos mentais (derivados da consciência ou da imaginação do indivíduo) e os materiais (derivados das experiências externas ao indivíduo). A esses processos que derivam da nossa consciência de mundo e de nós mesmos, é acrescido um terceiro tipo que surge da nossa capacidade de generalizar ou classificar uma parcela da nossa experiência para outras pessoas; estes processos são chamados de processos relacionais. Embora o autor considere os três processos como os principais no sistema de transitividade da língua inglesa e de outras línguas, ele reconhece a existência de outros processos (comportamental, verbal, existencial, etc.) que se situam entre esses três; essa divisão dos processos é uma das formas com a qual Halliday indica a relação existente entre o sistema de transitividade e o modelo da nossa experiência.

Na análise da oração como conteúdo/informação, Halliday (1994, p. 107) apresenta três componentes que não apenas servem de referência para a compreensão da nossa experiência como também correspondem às categorias semânticas da oração: (i) o processo em si mesmo; (ii) os participantes do processo; (iii) as circunstâncias envolvidas no processo. Ele argumenta que, de modo geral, as categorias de processo, participante e circunstância evidenciam como o mundo é representado através de estruturas linguísticas, no entanto é necessário reconhecer que há funções específicas sendo desempenhadas por elas e que essas diferenças entre as funções estão relacionadas ao tipo de processo. Thompson (1996) sugere três questões que podem ser utilizadas na análise tanto das orações quanto dos processos, a saber: (a) Qual é tipo de processo? (b) Quantos participantes podem estar envolvidos no processo? (c)

¹⁵ O termo ergativo origina-se do grego e significa “caso utilizado em certas línguas flexionais (tibetano, basco, línguas caucasianas), que expressa o agente do processo”. Enciclopédia Larousse Cultural, 1987, p. 2191.

Que papéis esses participantes podem desempenhar? Sendo assim, a escolha do rótulo de cada categoria se baseia não só na função que cada uma delas desempenha, mas também na semântica ou no sentido que ela admite. Vale ressaltar que “o modo de nos expressarmos não está rigidamente determinado por uma realidade externa ou por alguma regra universal da lógica”, já que, de acordo com o propósito do falante, ele pode usar a linguagem de maneiras diversas; e isto pode ser feito, por exemplo, através da metáfora gramatical (cf. item 3.1).

Conforme foi dito antes, a divisão da oração em três constituintes funcionais (processo, participante e circunstância) apresenta papéis diferentes para os participantes em função do processo aos quais eles se unem. O processo material indica que existe uma ação física de um dos participantes. Desse modo, quando a oração apresenta um processo material, haverá um participante chamado Ator, e outro chamado de Meta. Na oração ativa, quem faz a ação é denominado Ator. Caso a oração esteja na forma passiva, o Ator é descrito como Agente e, embora algumas vezes este participante não apareça na oração, ele pode ser descoberto através da pergunta “Por quem?”¹⁶. Já o participante para quem a ação se destina recebe o rótulo de Meta, porque o sentido depreendido deste termo envolve receber a ação feita por algo ou alguém.

Além disso, no grupo dos verbos que envolvem ações, existem algumas subdivisões. Uma delas é a divisão de processos materiais em involuntários e intencionais (Thompson, 1996). Na oração com processo material involuntário, o Ator apresenta aspectos parecidos com a função de Meta (“O carro acelerou”; “O assunto encerrou depois de um ano”), e a pergunta a ser feita na identificação da função do Ator seria “O que ocorreu a X?”. Isso acontece porque o processo parece exercer alguma influência sobre o Ator, já que o participante na função de Ator não demonstra ter o propósito de fazer algo. Assim, o significado da mensagem parece refletir no Ator a função de Meta que representa o alvo para o qual a ação se dirige¹⁷.

¹⁶ De acordo com Thompson (1996, p. 82), esta seria uma oração marcada, pois existiria algum motivo que justificaria essa escolha ao invés da oração ativa.

¹⁷ Na teoria sistêmico-funcional, quando o processo é material, há dois participantes envolvidos: Ator e Meta; mudando a transitividade do processo, o termo que exercia a função de Meta passa a exercer a função de Ator e isto resulta na modificação de sua função na oração. Ver Thompson, 1996, p.112 e 113 (“Nós aumentamos *nossos lucros* ao longo do ano”; “*Nossos lucros* aumentaram ao longo do ano”).

Thompson (1996) também vê alguns problemas na análise da transitividade de outros processos materiais. Em alguns processos é a presença de uma mescla do sentido de “ação e de estado resultante” que aparece em certas orações (“*Ele atingiu sua ambição de vida* quando finalmente apareceu na televisão”). Por isso, para o autor, a classificação da categoria de processos materiais (assim como de outros processos também) apresenta processos que se adéquam plenamente à categoria, enquanto outros parecem menos típicos ou mais periféricos em relação a ela, visto que em vez de responderem à questão “O que X fez?”, apresentariam respostas a questões como “O que ocorreu a X?”, para os menos típicos; ou “Qual foi o estado resultante?”, para os mais periféricos, indicando com isso uma mistura de categorias (Thompson, *idem*, p. 81).

O segundo processo apresentado por Halliday (1994) é o processo mental, sendo considerado oposto ao processo material, visto que esse tipo de processo acontece externamente enquanto aquele ocorre internamente, isto é, na mente de um participante. O rótulo adotado para se referir aos participantes no processo mental são Sensor e Fenômeno. Outro aspecto que diferencia o processo mental do material é o tempo verbal mais usualmente empregado. Na língua inglesa, os processos materiais são geralmente expressos no presente contínuo, enquanto o processo mental seria mais comumente expresso na forma simples do presente. Outra diferença encontrada é a possibilidade de o participante exercer algumas vezes a função de Sensor ou Fenômeno sem necessitar para isso ter uma oração passiva (ex.: Ela parece desconcertada com estas notícias; Estas notícias parecem desconcertá-la)¹⁸. Segundo Thompson (1996), outra razão para se ter categorias de processos separadas está relacionada às questões que podem ser usadas para identificar o tipo de processo. Já foi mencionado que os processos materiais podem ser identificados com a seguinte pergunta: “O que X fez?”. Entretanto, quando se identifica um processo mental, através do Sensor ou do Fenômeno, as questões que se poderia colocar seriam: “Como X reagiu?” ou “Que efeito X teve sobre o Sujeito?”¹⁹. Nas palavras do autor (*idem*, p. 84), semanticamente “o processo

¹⁸ Exemplo de Thompson (*idem*, p. 84), “This news seemed to puzzle her”.

¹⁹ Em Thompson (1996, p. 83), “Ela pareceu estar confusa com as novas notícias”, as questões para se reconhecer o tipo de processo seriam “Que reação ela teve?”, ou colocando de outro modo (com o Fenômeno como Sujeito) “Que efeito as novas notícias teve sobre ela?”. O autor ressalta que nem sempre essas questões são apropriadas, já que existem subcategorias do processo mental indicando afeto, reação e cognição.

pode ser tanto sentido por um participante humano como provocado pelo fenômeno” (Ela gostou do que ele fez; O que ele fez agradou-a).

Há ainda o processo verbal que, situado entre o processo mental e o processo relacional (próximo processo a ser discutido), aparece em orações estruturadas na forma de uma projeção, conduzindo o que se passa no interior da nossa consciência para o mundo externo por meio de um “pensamento” ou de uma “fala direta ou indireta”, ou ainda por meio de “grupos nominais”. Existem duas formas pelas quais essa projeção se configura: a primeira forma apresenta uma oração projetada com processo verbal ou mental (“Ela disse, ‘*eu estou cansada*’; “Ela pensou, ‘*Por que estou cansada?*’”); a segunda forma é constituída de um grupo nominal (“Ela soube *a resposta.*”) ²⁰.

O processo relacional fecha o círculo dos principais processos definidos por Halliday (1994). Ele possui características que o diferencia muito dos processos anteriormente descritos (material e mental). Thompson (1996) assegura que o Predicador, geralmente expresso pelo verbo “ser”, tem a função de relacionar algo existente a uma qualidade que lhe é própria; nessa relação entre conceitos, o Processo une também ao participante uma descrição ou identidade. As distinções entre as categorias que são atribuídas aos participantes (Portador/Atributo, Identificado/Identificador, Característica/Valor) permitem identificar diferentes relações entre eles e suas respectivas propriedades. Thompson, (idem) destaca que, embora as categorias de processo e de participantes, no sentido específico das funções que desempenham, não sejam plenamente adequadas para rotularem os constituintes da oração com processos relacionais, já que é inexistente a ‘realização de algo’ nos eventos, nenhuma outra categoria representaria plenamente os termos presentes na oração com esse tipo de processo.

2.2.2.

Metafunção interpessoal: a oração como troca

A linguagem apresenta outro aspecto, que se refere ao significado como troca, podendo essa troca incluir uma ação ou uma expressão verbal. O falante e

²⁰ Butt, Fahey, Spinks, Yallop, 1997, p. 50-51.

o ouvinte podem trocar (i) bens e serviços (ex.: *Beije-me! Passe o sal!*), em que a troca pode ser não-verbal, sendo a função da linguagem apenas auxiliar; ou (ii) informações (ex.: *A festa é terça?*), em que uma resposta é esperada, sendo a linguagem essencial para a interação. O papel do falante nos dois tipos de troca, em que se obtêm bens e serviços ou informação, define as quatro principais funções de fala: (a) oferecimento, (b) comando, (c) declaração e (d) questionamento. Cada uma dessas funções de fala está relacionada a uma resposta esperada pelo falante, respectivamente, “aceitar uma oferta, cumprir uma ordem, aceitar uma declaração e responder a uma pergunta” (Halliday, 1994, p. 69).

A linguagem é organizada para permitir que as pessoas participem de eventos comunicativos nos quais ocorre a troca de significados com uma ampla variedade de propósitos (ex: comunicar um fato, fazer um convite, solicitar um produto, avisar, advertir, etc.). Thompson (1996) argumenta que para se analisar a linguagem sob o aspecto comunicativo é, portanto, necessário identificar os propósitos básicos que as pessoas esperam atingir pela fala e pela escrita. De acordo com Halliday (1994), os dois tipos fundamentais de propósitos na interação entre pessoas são ‘dar’ ou ‘demandar’, sendo que dar implica em receber e demandar implica em dar. Durante a comunicação, o falante espera uma ação ou resposta do ouvinte quando demanda algo ou alguma informação; ou se esse falante faz um oferecimento ou uma declaração, ele espera do ouvinte uma aceitação ou concordância.

Há duas características importantes na oração como troca de informação: (i) a informação só existe através da linguagem; (ii) a oração toma a forma de proposição. Em relação à primeira característica, Halliday (idem, p. 70) considera que a troca de informação demora mais tempo para ocorrer entre as crianças, pois, nessa função de fala, a troca do objeto (a informação) não é óbvia para elas. Em relação à segunda característica, a oração é considerada uma proposição porque permite a possibilidade de argumentar sobre o que é dito e de verificar a validade de uma informação através de alguns recursos linguísticos, tais como a repetição de alguns termos no final da oração, na forma estrutural de uma pergunta (ex.: *Você leu o livro, não leu?*). Por outro lado, a troca de bens e serviços tem as seguintes características: (i) a troca pode existir sem a expressão verbal; (ii) a oração toma a forma de proposta. Em relação à primeira característica, Halliday (idem, p. 70) indica que desde os primeiros

meses de vida a criança pratica estas trocas, já que o objeto de troca é óbvio para as crianças e as trocas independem da linguagem verbal.

No exemplo acima, *Você leu o livro, não leu?*, o Sujeito (*você*) e Finito (*passado* de ler) formam um componente interpessoal, chamado Modo Oracional, que atua no significado da oração como troca. A função de Sujeito pode ser exercida por um grupo nominal ou um grupo nominal complexo, isto é, constituído de vários elementos, ou um pronome. O Finito aparece, em inglês, representado pelos operadores verbais de tempo (verbos auxiliares como *be, do, have*) ou de modalidade (ex.: *would, can, could*). Em português, o Finito, representado por desinências verbais, costuma aparecer unido ao termo lexical representado pelo verbo, sendo este um dos aspectos que o diferencia do inglês. Em (a) abaixo, a estrutura da oração apresenta o Modo, que pode se desdobrar na estrutura oracional, carregando o argumento com ele.

| | | | | |
|----------|-----------|--------------|---------|----------|
| a) Pedro | [passado] | leu o livro, | (ele) | não leu? |
| Sujeito | Finito | | Sujeito | Finito |
| Modo | | | Modo | |

Figura 1- A estrutura do Modo

Observando o exemplo acima, podemos perceber facilmente o Sujeito da oração, já o Finito não é tão simples de ser identificado, visto que ele se une ao Predicador (elemento verbal) quando a oração é declarativa. Na língua inglesa, o Finito pode ser recuperado utilizando-se a ‘tag question’, que é um tipo de pergunta que retoma o Sujeito e o Finito da oração inicial (*Peter has arrived, hasn't he?*). Contudo, o Sujeito pode ficar elíptico no Modo oracional da ‘tag’ em português, como no exemplo (a), acima, em que *ele* está elíptico no Modo oracional da ‘tag question’.

O Modo, ou modo oracional, é definido a partir de sua função semântica, já que esse elemento dá à oração o aspecto de um evento comunicativo. O Sujeito “expressa a entidade que o falante quer fazer responsável pela validade da proposição”²¹. Já o Finito torna, sob o aspecto semântico, a proposição finita, indicando o tempo da fala e o julgamento que o falante faz da informação (ou

²¹ Thompson, 1996, p. 45.

validade da mesma), sendo possível, portanto, concordar/discordar do que é dito.

Através do Finito, o ouvinte pode confirmar ou rejeitar uma afirmação a partir: (a) do tempo da oração em relação ao tempo da fala (*Pedro ainda não leu o livro, ele o lerá*); (b) da positividade ou negatividade expressa na oração (*Pedro leu/não leu o livro*)²²; (c) do grau de validade da informação, ou seja, até que ponto se pode considerar a proposição válida (*Pedro pode ter iniciado a leitura, mas não a concluiu*). Dessa forma, o Finito estabelece uma ponte entre a validade da informação e o evento da fala ou o posicionamento do falante.

Nos exemplos, acima, consideramos apenas a oração declarativa para mostrar como a estrutura gramatical indica os procedimentos que o falante e o ouvinte adotam na troca de significados. Em relação a orações interrogativas, imperativas e exclamativas, a estrutura do Modo pode variar. Comparando a oração declarativa com a imperativa, por exemplo, vemos que a ordem padrão da oração declarativa é Sujeito seguido de Finito, enquanto na oração imperativa (*Leia o livro*) o Finito vem em posição inicial e pode ou não ser seguido pelo Sujeito. As interrogativas e exclamativas (*Quantas pessoas leram o livro?/Quantas pessoas leram este livro!*) apresentam um elemento WH-²³ seguido do Sujeito e do Finito na estrutura do Modo. Nesses casos, em português, a ordem dos elementos que estruturam o Modo apresenta a seguinte sequência: o advérbio interrogativo (quando houver), Sujeito e Finito.

| | | |
|---------------------------|-----------|------------|
| b) Não vá [imperativo] | | vá embora. |
| Finito | [Sujeito] | |
| Modo | | |

Figura 2- Estrutura do Modo em orações imperativas

²² Em inglês, este aspecto parece mais estruturalmente relacionado ao verbo do que em português, uma vez que a construção de orações negativas costuma aparecer fundida ao verbo (don't, aren't, etc.). No entanto, semanticamente, a polaridade da oração está ligada ao verbo nas duas línguas em questão.

²³ Na língua inglesa, em orações interrogativas, WH- representa expressões classificadas como pronomes ou advérbios (what, who, when, where, etc.) com funções que visam "especificar a entidade sobre a qual o questionador deseja que alguma informação seja fornecida" (Halliday, 1994, p. 85).

| | | | |
|---------|---------|---------------------|----------------------------------|
| c) Como | tudo | [<i>passa do</i>] | parecia simples naquele momento! |
| | Sujeito | Finito | |
| | Modo | | |

Figura 3- Estrutura do Modo em orações exclamativas

Na visão sistêmico-funcional, a oração interrogativa apresenta a função de preencher uma parte considerada perdida da oração, e o advérbio interrogativo sinaliza a parte considerada perdida (*Quando Pedro leu o livro?*). Essa construção reflete uma escolha temática porque a mesma ideia poderia ser expressa da seguinte forma: *Pedro leu o livro quando?* (ver item 2.2.3, a seguir).

O segundo constituinte da oração como troca é o Resíduo, considerado pelos linguistas sistêmico-funcionais como a parte da oração menos essencial na argumentação, porque é o constituinte da oração que pode estar elíptico durante a argumentação (Eggins, 2007, p. 155). De forma semelhante ao Modo, o Resíduo também é constituído de elementos, tais como o Predicador, realizado através do grupo verbal, sem a presença do operador modal ou temporal, tendo a função de especificar a voz passiva ou ativa. O Predicador é a parte do grupo verbal constituída de conteúdo. O Complemento, que também é parte do Resíduo, é o termo que poderia ter sido escolhido como Sujeito, mas não o foi.

| | | | |
|----------|------------------------------|------------|-------------|
| d) Pedro | leu | | o livro. |
| Sujeito | [<i>passado</i>] Finito | Predicador | Complemento |
| MODO | | RESÍDUO | |

Figura 4- A oração como troca dividida em seus componentes

Em *d*, acima, há uma fusão do Finito e do Predicador na forma *leu*, mas há outros exemplos em que o Predicador é identificado como um grupo de elementos verbais exceto o elemento Finito²⁴.

²⁴ Eggins (2007, p. 155) "Simon might *have been going to read* 'The Bostonians'".

Finalmente o Adjunto, realizado por um grupo adverbial ou expressão preposicional, pode ser representado pelos seguintes tipos: Adjunto Modal, que tem função interpessoal porque expressa um significado associado ao Finito; Adjunto Conjuntivo, que tem função textual; e Adjunto Circunstancial, que tem função experiencial. A primeira categoria, Adjunto Modal, apresenta dois tipos: (i) o Adjunto de Modo, que pode estar associado ao significado construído no modo oracional, por isso ocorrendo frequentemente próximo ao operador verbal Finito; (ii) o Adjunto de Comentário que expressa a atitude do falante em relação à oração. O Adjunto Conjuntivo tem como função construir relações lógico-semânticas de expansão com outras orações. O Adjunto Circunstancial está associado ao processo verbal na metafunção experiencial.

Portanto, as categorias semânticas representadas pelos elementos da oração como troca evidenciam as escolhas feitas pelos falantes, as quais revelam determinados tipos de significados interpessoais e permitem identificar o posicionamento ou a intenção do falante em relação ao que é dito.

2.2.3. Metafunção textual: a oração como mensagem

No uso da linguagem, o significado ideacional, relacionado ao conteúdo da mensagem, e o significado interpessoal, cuja expressão reflete tanto as relações sociais quanto os julgamentos pessoais, são unidos a outro tipo de significado: o textual. A configuração estrutural desse significado dá à oração seu aspecto de mensagem ao mesmo tempo em que possibilita a expressão da linguagem como um evento comunicativo. De acordo com Thompson (1996), olhar a linguagem do ponto de vista da metafunção textual é tentar entender de que forma essa metafunção constrói os significados em mensagens que se adequam aos eventos comunicativos ao longo dos quais elas se desdobram. Sendo assim, para entender como as mensagens se estruturam, Halliday (1994) aponta dois constituintes funcionais: Tema e Rema.

O Tema é “o elemento que serve como ponto de partida da mensagem”, isto é, o Tema aparece na posição inicial da oração, tendo a função de sinalizar o que é proeminente na mensagem (Halliday, 1994, p. 37). De acordo com

Halliday (*idem*), a definição de Tema é uma definição funcional que enfatiza o seu papel na estrutura oracional. Embora existam maneiras variadas de organizar a mensagem em diferentes línguas (ex: na língua japonesa, o elemento que precede a partícula *wa*- é o Tema da oração) o português, assim como o inglês, apresenta um elemento no início da oração exercendo a função de Tema. Já o restante da oração trata de algo relacionado ao Tema; esta parte da estrutura oracional é chamada Rema.

A estrutura temática é vista como uma das formas utilizadas pelos falantes para indicar a ordenação dos elementos que compõem a oração, facilitando, desse modo, a compreensão da mensagem pelo ouvinte. Melhor dizendo, o Tema serve de “gancho” cuja finalidade é tornar a compreensão da mensagem mais fácil para o ouvinte, visto que ele evidencia como a informação inicial está organizada na oração em relação ao restante (Thompson, 1996). O Tema funciona como um ponto de sinalização que indica a leitores e ouvintes o que falantes ou escritores têm em mente como ponto inicial, mostrando onde estes estão e para onde se dirigem no desenvolvimento do texto; sendo o primeiro ponto de sinalização, ele pode se localizar no início do texto, do parágrafo ou da oração (Butt et al., 1998, p. 90).

2.2.3.1.

A função temática na estrutura oracional

A posição inicial marca ou identifica o lugar da estrutura oracional no qual a função temática é realizada. Na oralidade, a entonação separa o Tema do Rema e marca uma espécie de linha divisória entre eles, principalmente quando o elemento que exerce a função de Tema é realizado por um grupo adverbial, grupo não-nominal funcionando como sujeito e expressão preposicional. Isso mostra que há dois grupos organizados separadamente na oração e ambos coincidem com as funções de Tema e Rema (Halliday, 1994). As orações abaixo exemplificam como essas funções são concretizadas nas orações:

- a) *Mesmo sem motivações aparentes*, o agressor planeja o que irá fazer com a vítima que possui algum tipo de desvantagem de poder.²⁵
- b) *O agressor* planeja o que irá fazer com a vítima que possui algum tipo de desvantagem de poder mesmo sem motivações aparentes.
- c) *Com a vítima que possui algum tipo de desvantagem de poder*, mesmo sem motivações aparentes, o agressor planeja o que irá fazer.

Cada expressão em itálico configura o Tema da oração inicial do período, e o restante representa o Rema. Em *a*, o Tema *Mesmo sem motivações aparentes* mostra a ênfase na ausência de motivos que pudessem levar alguém a ser agressivo com outra pessoa; o ponto inicial da mensagem serve para indicar que alguém, sem motivos para agredir, busca atingir uma pessoa mais fraca física ou psicologicamente. Em *b*, o Tema *O agressor* mostra que o significado da mensagem direciona-se para o agressor que elabora uma forma de atingir a vítima em desvantagem; nesse caso, ter ou não motivações para isto aparece como uma informação adicional, no Rema. Já em *c*, o Tema *Com a vítima que possui algum tipo de desvantagem de poder* reforça o significado da sentença que parece indicar que a vítima sempre é alguém que tem algum tipo de desvantagem, e esse fato é o que leva o outro a planejar algo para prejudicá-la ou atingi-la. Esses exemplos mostram que o falante ou escritor pode fazer escolhas diferentes para preencher a função temática; e as diferentes possibilidades mudam a perspectiva sobre o que está sendo dito. Sendo assim, pode-se analisar que tipo de motivação conduziu a uma escolha em vez de outra, pois há várias possibilidades de se construir a oração.

Ainda em relação aos exemplos *a*, *b* e *c*, acima, os grupos que aparecem na posição temática representam diferentes funções no significado experiencial. O Tema do exemplo *a*, *Mesmo sem motivações aparentes*, é um Adjunto Circunstancial que apresenta um sentido de concessão, indicando que o agressor faria algo apesar de não ter motivos; em *b*, o Tema, *O agressor*, é o Ator, sendo um dos participantes do processo; já em *c*, o Tema, *Com a vítima que possui algum tipo de desvantagem de poder*, é outro participante da oração com a função de Meta. Esses Temas consistem em: expressão ou grupo

²⁵ Exemplo retirado da produção textual nº 2, incluída nos dados desta pesquisa (E. Pa.).

adverbial (ex: *mesmo*, com valor de *realmente*; *sem motivações aparentes*), grupo nominal (*o agressor*) e grupo preposicional (*Com a vítima que possui algum tipo de desvantagem de poder*). Todos eles são considerados Temas simples porque representam uma unidade ou um único constituinte. Mesmo quando há a ocorrência de grupos nominais complexos (ex.: *As crianças e mulheres são as maiores vítimas da violência.*²⁶), o Tema continua a ser considerado como simples, já que o grupo é considerado como um constituinte único.

Outra característica do Tema reside na possibilidade desta função ser realizada por uma oração. Quando isto ocorre, essa oração funciona como um elemento de outra oração com o verbo *ser*, sendo classificada como uma oração relacional de identificação conforme foi visto na seção 2.2.1.

- d) *Bulinar para impor um padrão é tão grave quanto os genocídios cometidos por Hitler para formar uma raça pura*²⁷.

Segundo Halliday (1994), embora esse tipo de Tema possa ser considerado tecnicamente simples, orações como essa, na função temática, apresentam algumas particularidades. A primeira reside em considerar esta estrutura com uma equativa temática, já que o Tema equivale ao Rema, visto que os dois constituintes da oração estão ligados por uma relação de identidade como se fossem entidades iguais unidas pelo verbo *ser* (Tema = Rema). A segunda particularidade está relacionada ao aspecto estrutural da categoria que exerce a função temática. Nesse caso, a oração com função temática é vista como uma nominalização porque exerce uma função nominal e torna-se parte de outra oração. Halliday ressalta que, tipicamente, a nominalização exerce a função de Tema, uma vez que o grupo ou expressão representando a nominalização é o elemento mais proeminente da oração.

Se a nominalização não ocorrer na função de Tema (p.ex.: *Aquele bule de chá foi o que o duque deu a minha tia*)²⁸, a oração apresenta uma alternativa marcada²⁹ na qual a relação entre Tema e Rema é modificada. De modo geral, o Tema é marcado quando apresenta alguma característica que contrasta com

²⁶ Retirado da produção textual nº 18, E. Pu.

²⁷ Retirado da produção textual nº 17, E. Pa.

²⁸ Exemplo de Halliday, 1994.

²⁹ A diferença entre Temas marcados e não-marcados será discutida logo abaixo, na seção 2.2.3.2.

algum aspecto comum de expressar a oração. Dessa forma, o elemento que teria a escolha não-marcada como Tema da oração torna-se parte do Rema (Halliday, idem, p.48).

Os exemplos de Temas vistos até agora são considerados Temas simples, conhecidos também como Temas topicais. Além do Tema simples ou topical, que expressa um significado ideacional, há outros termos que expressam, na função temática, um significado textual e/ou interpessoal através de elementos como conjunções e adjuntos modais, que se juntam ao elemento experiencial. Quando isso ocorre, o Tema é considerado múltiplo como ocorre nos exemplos abaixo³⁰.

| | | |
|-----------------------|------------------------------|--|
| e) <i>Sem dúvida,</i> | <i>esse tipo de agressão</i> | ocasiona traumas permanentes como: dor e humilhação. |
| Tema interpessoal | Tema topical ou ideacional | Rema |

Figura 5- Exemplos de Temas múltiplos: interpessoal e ideacional.

| | | |
|-----------------|-----------------------------------|--|
| f) <i>Logo,</i> | <i>as piadinhas e os apelidos</i> | causam humilhação e rejeição para o envolvido e aumenta o ego da pessoa que deu o apelido. |
| Tema textual | Tema topical | Rema |

Figura 6- Exemplos de Temas múltiplos: textual e ideacional.

| | | | |
|---------------------|--------------------|--------------|-----------------------|
| g) [...] <i>mas</i> | <i>com certeza</i> | <i>ele</i> | é uma agressão moral. |
| Tema textual | Tema interpessoal | Tema topical | Rema |

Figura 7- Exemplos de Temas múltiplos: textual, interpessoal e ideacional.

Desse modo, o Tema múltiplo pode ser constituído por um Tema textual e/ou interpessoal e topical/ ideacional. Em (e), o Adjunto de Comentário antecede o Tema topical, expressando um posicionamento do escritor. Já no segundo exemplo (f) o Adjunto Conjuntivo *Logo* é um elemento coesivo cuja finalidade é expressar uma relação da oração com aquela que a precede; o

³⁰ Exemplos dos alunos, produções textuais nº 2, 7, 17, respectivamente; E. Pa.

adjunto exerce a função de Tema textual seguido do Tema topical. Em (g), há uma sequência de Temas formando o Tema múltiplo: a conjunção *mas* expressa uma relação coesiva dentro da própria sentença, sendo seguida por um Adjunto Modal de Comentário *com certeza* e pelo Tema topical *ele*. Segundo Halliday & Matthiessen (idem, p. 83) as conjunções e os elementos continuativos (na função de Tema textual) “sinalizam um movimento no discurso” e são considerados como “inerentemente temáticos”, porque geralmente ocorrem no início da oração.

2.2.3.2.

A relação entre os padrões temáticos e as diferentes categorias das orações

A escolha do Tema é também influenciada pela opção do sistema de Modo, ou seja, o Modo das orações (declarativo, interrogativo e imperativo) apresenta formas mais usuais ou frequentemente utilizadas pelos falantes e, quando essas estruturas relacionadas ao Modo são alteradas, elas normalmente ressaltam algum aspecto de um elemento (ou grupo de elementos) da oração para o qual o falante ou escritor quer chamar a atenção do ouvinte ou leitor. Dessa maneira, se o termo esperado não aparece na parte estrutural destinada a ele, então esse elemento é considerado marcado, porque exerce uma função que normalmente não se esperaria dele. Do contrário, quando um elemento exerce uma função esperada, ele é visto como um termo não-marcado na função temática.

Nas orações declarativas, os Temas são considerados não-marcados quando o Tema coincide com o Sujeito (ex.: *Bullying* é sim um tipo de discriminação³¹). De modo inverso, o Tema será marcado quando as funções de Tema e Sujeito forem exercidas por elementos diferentes. Nesse caso, o Tema pode ser, por exemplo, um grupo adverbial (ex: *Nos dias atuais*, o bullying se tornou um grande problema nas escolas e universidades de todo o mundo³².) ou um Complemento (ex: *Com a vítima que possui algum tipo de desvantagem*

³¹ Exemplo retirado da produção textual n° 12, E. Pa.

³² Exemplo retirado da produção textual n° 16, E. Pa.

de poder, o agressor planeja o que irá fazer mesmo sem motivações aparentes.). Assim como em outras escolhas de Temas marcados, Halliday (1994) argumenta que existe alguma razão específica que explica o uso do Complemento para a função de Tema marcado, especialmente porque este elemento poderia ter sido escolhido como Sujeito, conseqüentemente Tema não marcado, e não o foi.

Nas orações interrogativas da língua inglesa, o Tema é não-marcado quando é formado: (i) pelo operador verbal Finito, expressando uma polaridade positiva ou negativa, seguido do Sujeito (ex.: *Can you keep a secret?* Neste exemplo, a informação requisitada pelo falante se refere à polaridade positiva ou negativa da oração; ou (ii) pelo elemento *wh-* (pronomes ou advérbios interrogativos) que expressa uma parte da informação perdida (ex.: *Quem comprou os ingressos?*). Nas orações interrogativas que apresentam um Finito seguido de Sujeito, o Tema é múltiplo, isto é, o Finito é um Tema interpessoal, enquanto o Sujeito é um Tema topical. Na língua portuguesa, a oração interrogativa não sofre alteração em sua estrutura se comparada a uma oração declarativa; há apenas uma mudança na entonação da fala e, na escrita, coloca-se o ponto de interrogação para indicar que oração é uma interrogativa direta. Por outro lado, em espanhol, por exemplo, a oração interrogativa é sinalizada na escrita com um ponto de interrogação no início e no final da sentença. Isso mostra que nem todos os critérios adotados na análise estrutural de uma língua são adequados à análise de outra. Já os Temas marcados nas orações interrogativas, tanto em inglês quanto em português, ocorrem quando aparece algum tipo de expressão antes do Finito ou do Sujeito (ex.: *Depois do chá, você me contará uma história?*)³³.

Em relação às orações imperativas, o Tema não-marcado é o Predicador, já que a oração imperativa é construída sem a presença do Finito e do Sujeito, isto é, o Predicador expressa a ação contida na oração e é, evidentemente, o ponto inicial da oração imperativa, pois através desse tipo de oração uma pessoa solicita a outra que realize ou não determinada ação (ex.: *Passe-me o sal*). Este tipo de oração apresenta outra possibilidade na qual quem verbaliza a oração também se inclui na realização da mesma (ex.: *Andemos um pouco*). Segundo Eggins (2007), nesses casos o Predicador, exercendo a transitividade do Processo, é considerado o Tema topical da oração. Quando o Predicador,

³³ Exemplos de Halliday, 1994.

que costuma exercer a função temática, é substituído por outro elemento, o Tema passa a ser marcado (ex.: *Sob nenhuma circunstância*, abra a porta.).

Até o momento, foram examinados os elementos que fazem parte de orações consideradas simples ou independentes, mas a análise do Tema abrange também os complexos oracionais, formados por várias orações, cuja estrutura o falante ou escritor manipula com a finalidade de dar relevo a algum aspecto da sentença. Nos complexos oracionais, existem orações independentes (parataxe) com seus respectivos Temas analisados separadamente; e uma ou mais orações dependentes acompanhando uma oração principal (hipotaxe). Embora cada oração possua um Tema (simples ou múltiplo), quando uma oração dependente antecede a oração principal, o complexo oracional apresenta dois níveis de análise da estrutura temática (Eggins, 2007).

| | | | | |
|-----------|---|------------|---------------|--|
| a) Quando | | descobrem, | os dirigentes | temem perder o profissional que possuem... ³⁴ |
| Textual | Topical (eles, elíptico na oração dependente) | Rema | Tema topical | Rema |
| Tema | | | Rema | |

Figura 8- Oração dependente na função temática

Em a, a oração dependente *Quando descobrem* exerce a função de Tema da oração principal mostrando que sua estrutura constitui um elemento da oração principal. De um lado, considerando um primeiro nível de análise, observa-se que cada uma das orações apresenta separadamente Tema e Rema. De outro lado, em um segundo nível, a oração dependente é o Tema da oração principal. Eggins (idem) ressalta que, nos dois níveis, o que prevalece é a escolha do falante/escritor; e considerando o complexo oracional como um todo,

³⁴ Exemplo retirado da produção textual n^o9, E. Pa.

quando a oração dependente aparece na função temática, ela cria alguma expectativa em relação ao restante da sentença.

Há outra estrutura temática em que o Sujeito da oração aparece na função de Rema, enquanto um comentário sobre o Rema atua como Tema da oração.

| | |
|---------------------------|--|
| b) Portanto, é necessário | uma ação conjunta de pais, professores e psicólogos para que haja uma conscientização. ³⁵ |
| Tema | Rema |

Figura 9- Comentário na função temática

Segundo Thompson (1996), esse tipo de estrutura é semelhante à oração com um predicado na função de Tema. A diferença entre o comentário na função temática e a oração com o predicado nesta função deve-se ao fato de que o predicado faz parte da estrutura da oração, enquanto o comentário não. Em *b*, a oração pode gerar dúvida quanto à classificação do elemento na função de Tema: predicado ou comentário; entretanto, se *é necessário* fosse o predicado de *uma ação conjunta de pais, professores e psicólogos para que haja uma conscientização*, *necessário* concordaria em gênero com *uma ação* (*uma ação conjunta de pais, professores e psicólogos para que haja uma conscientização é necessária*). Assim, neste caso temos um Comentário em função temática e o Sujeito é parte do Rema.

Na seção 2.2.3.1, também foi apresentada uma estrutura oracional exercendo a função de Tema, denominada equativa temática, sendo vista como uma oração nominalizada, porque representa um único elemento na função do Tema. De acordo com Halliday (1994), a equativa temática caracteriza-se pela identificação, e serve tanto para especificar o Tema como para compará-lo ao Rema. Quando a oração inicial é uma equativa temática, a função temática é considerada não-marcada (*O que o duque deu à minha tia foi aquela chaleira*); inversamente, se ela aparece na função de Rema, a estrutura temática é classificada como marcada (*Aquela chaleira foi o que o duque deu à minha tia*). Esta sentença é considerada uma metáfora gramatical (ver capítulo 4), visto que

³⁵ Exemplo retirado da produção textual nº 16, E. Pa.

a transitividade do processo material (*dar*) é substituída pelo processo relacional (*ser*) configurando assim o significado ideacional através de uma oração nominalizada na função de Tema ³⁶.

Além dessas características há outra que diferencia a equativa temática de uma oração interrogativa. Na oração interrogativa comum, espera-se uma resposta do ouvinte, portanto há uma lacuna que o falante deseja preencher. O mesmo não acontece com as equativas temáticas, já que nestas orações o falante antecipa uma informação imaginando que ela possa ser solicitada pelo ouvinte.

Algumas particularidades da língua portuguesa geram dúvida quanto à classificação do elemento ideacional na função temática da oração. Na língua inglesa, mesmo que um grupo adverbial seja o ponto de partida da oração, o sujeito sempre aparece na oração antecedendo o processo. Em português, a ordem do sujeito e do verbo pode ser alterada, isto é, o sujeito pode vir após o verbo ou não aparecer explicitamente na oração, sendo identificado pelos falantes através da desinência número-pessoal. Somado a isso, há ainda construções passivas sintéticas ou pronominais que despertam divergências entre os estudiosos da linguagem.

Em estudo realizado sobre a noção de Tema em orações na voz passiva (Hawad, 2002) ³⁷, foi observado que a mudança da voz ativa para a passiva analítica apresenta algumas razões que se relacionam à escolha do Tema da oração, ou seja, a parte da estrutura da mensagem escolhida pelo falante para ficar em evidência leva-o a mudar a posição dos elementos da oração. Sob este aspecto, a oração passiva sintética põe em destaque o processo e apenas um dos participantes do evento. Perini (2009, p. 271) ressalta que “esse tipo de oração apresenta a dificuldade de não ter uma análise clara; em especial não é claro quem é o sujeito [...]”.

³⁶ No estudo gramatical do português, a equativa temática é analisada como uma pseudoclivagem e tem semelhanças com a clivagem sem se identificar com ela (Perini, 2009, p. 216).

³⁷ Hawad (2002) pesquisou sobre a função do Tema, do Sujeito e do Agente na voz passiva do português, a partir da perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, em sua Tese de doutorado.

| | |
|------------|---|
| a) Observa | -se claramente, esse tipo de situação nas escolas, onde muitos estudantes são apelidados e ridicularizados por parte dos colegas. |
| Tema | Rema |
| b) Percebe | -se, então, que existe nos jovens um sentimento de superioridade, e esse, é o problema. |
| Tema | Rema |

Figura 10- Orações passivas sintéticas ou pronominais³⁸

| | |
|---------------|---|
| c) O bullying | é usado por pessoas mais altas ou mais fortes para amedrontar alunos considerados inferiores, para apenas se divertirem, para se sentirem superiores. |
| Tema | Rema |

Figura 11- Oração passiva analítica³⁹

Analisando as orações *a* e *b*, acima, o termo que serve como ponto inicial da oração passiva sintética é o Processo, que pode ser considerado um Tema não marcado. Hawad (idem), em sua pesquisa, identificou a presença de processos mentais como o tipo de evento mais presente na passiva sintética. Em *c*, a mudança da voz ativa para passiva analítica movimenta a estrutura da mensagem, sendo que a Meta (*O bullying*) é colocada em função temática marcada, no início da oração, e o Sujeito (*por pessoas mais altas ou mais fortes*) fica incluído no Rema.

Nem todos os tipos de Temas citados por Halliday foram apresentados neste estudo, todavia os Temas abordados nesta pesquisa têm por finalidade compreender melhor o funcionamento da língua portuguesa na construção do texto, além de serem fundamentais para o escopo deste trabalho. A importância da análise da oração (e da linguagem) como mensagem reside não apenas em considerar o Tema no desenvolvimento do texto como um todo, mas também em considerá-lo como “parte fundamental no modo de organização do discurso”

³⁸ Exemplos dados por alunos da E. Pa.; produção textual 7 e 12, respectivamente.

³⁹ Exemplo dado por aluno da E. Pa., produção textual nº 25.

(Halliday, idem, p.61). Além disso, a escolha de um Tema marcado ou não-marcado reflete algum aspecto do evento comunicativo.